

Centenário do Nascimento de Raul de Leôni

José Costa Matos

Este centenário do nascimento de Raul de Leôni Ramos acende, na minha devoção, essa luz mediterrânea que se desprende da sua poesia e necessariamente se escreve na titulação do seu livro único. Quando conheci esse poeta, eu fazia a minha iniciação no magistério, na Escola Normal Rural de Ipueiras, que fundei com a ajuda de Hugo Catunda, também desta Academia. Declamava Raul de Leôni nas salas de aula. Meus alunos o repetiam, nas festas da Escola, nas praças, nos grupos de estudantes que iam esperar o trem, acendedor de fantasias viajeras nos meninos sem conhecimento do mundo largo.

Tive uma vontade mais forte de ser poeta, lendo Raul de Leôni e Otacílio Azevedo. Não me custa, aqui, fazer a confissão de uma dívida: para todo o sempre, entendo melhor a vigilância evangélica para não entrar em tentação, porque guardo sempre comigo estes versos supremos do poeta fluminense:

“Foi sempre por um passo distraído
Que começaram todos os destinos.”

Sim, os estudantes ipueirenses. Também eu muito moço, era enorme o nosso deslumbramento com essa poesia. Na “Ode a Um Poeta Morto”, acompanhávamos Olavo Bilac no itinerário que aí lhe traçava Raul de Leôni, pela Índia védica, a escrever seus “poemas animistas / na flor sonâmbula dos nenúfares”; junto à “alma dócil e errante das ovelhas “da Argólida e do Epiro; pela Tessália, “na púrpura radiante das vindimas”; pelas cortes bíblicas, a cantar “As vitórias dos reis e das searas benditas, / As lendas do Jordão e o olhar das moabitas”; por Mitilene, onde foi o “único homem / nessa ilha extravagante das mulheres”; por Roma onde canta “no banho azul das cortesãs cesáreas”; pela Germânia feu-

dal, onde é “todo o amor das castelãs do Reno”; por Florença, e “Florença eleva na canção dos sinos / A sua alma de Vênus e Maria”; pela França, onde a sua “sombra cíclica se ostenta / Nos salões de Matilde Bonaparte”. E tudo pela “... imensa aspiração de ser divino / No supremo prazer de ser humano”.

Essa usina de paradoxos que é Agrippino Grieco, numa página carregada de elegantes contradições, afirma: “A rigor, nada de mística em Raul de Leôni”. Parece restritiva demais essa percepção de um poeta para quem “A alma das cousas somos nós ... a nossa alma é a expressão fugitiva das cousas / E a vida somos nós, que sempre somos outros!”.

Sem penetração mística, seria possível a alguém captar, nos ambientes, os depósitos vibratórios dos seus antigos habitantes? No entanto, isso se encontra em Raul de Leôni:

“As almas, como as flores, no lugar
Em que viveram, deixam, longamente,
Sua íntima essência errando no ar...”

Ao longo de sua obra poética, são numerosas as manifestações místico-esotéricas de Raul de Leôni. Tudo parece resultante de uma certa volubilidade da atividade mental de um “intuitivo introspectivo”, da definição de Carl Gustav Jung. Não há nos seus poemas a adesão formal a uma seita ou sistema religioso. Mas é fácil encontrá-lo em sondagens profundas naquela inescondível dimensão mística da natureza humana. Como nesta passagem do poema “Do Meu Evangelho”:

“A alma da gente muda tanto nesta vida,
Na sua história escrita sobre a areia,
Que, um dia, ao recordar-se de si mesma,
Numa hora esquecida,
Já nem se reconhece mais e sente,
Estranhamente,
Que tudo aquilo que ela está lembrando
São as recordações de uma alma alheia...”

“Teu horóscopo está em ti, seja onde for,
– Sem que o saibas e o pesquises –
Na sombra do teu ser mais íntimo e interior”.

Na busca das conexões da poesia de Raul de Leôni com a filosofia, ressalta logo, da sua leitura, a liberdade com que hierarquiza os valores humanos, submetendo ao prazer e à beleza quase tudo que embaraça a caminhada dos homens e das mulheres. Tivesse vivido no Olimpo, entre os deuses helênicos, criaria sempre situações para Vulcano aparecer coxeando e os divinos festeiros repetirem as gargalhadas homéricas.

Foi um dionisíaco, dentro de um povo tão mal entendido por Paulo Prado, o teórico da irremediável tristeza brasileira, no País do Carnaval, das procissões recreativa, do bumba-meu-boi, do forró, do grito de gol, da festa em torno das piadas contra os governantes...

Mas essa liberdade hierarquizadora de Raul de Leôni é de ontem e tem emergência na atualidade do Brasil. Lá longe, no quinto século antes de Jesus Cristo, a sofística de Protágoras fazia a afirmação famosa: o homem é a medida de todas as coisas. Um entendimento meio extremado desse princípio anula as verdades objetivas, dá uma enorme precariedade à ética e, para o Padre Leonel Franca, chega a inviabilizar a ciência.

Para Raul, houve beleza, tudo está certo.

“Vê que a vida afinal – sombras, vaidades –
É bela, é louca e bela, e que a beleza
É a mais generosa das verdades ...”

Era ele que sonhava um cristianismo “onde a verdade não precisasse ser triste ...” ia a Platão e afirmava platonicamente:

“As idéias são seres superiores
.....
E sofrem mais que as outras vivas”.

Ficou dito, há pouco, que o homem medida de todas as coisas da sofística de Protágoras está vivo, na atualidade brasi-

leira. Bastou um jogador de futebol para identificá-lo: na assessoria dos autores dos rombos financeiros; na estratégia dos seqüestradores e assaltantes de bancos; na ousadia das guerrilhas contra a ética. O futebolista Gerson formulou a atualização de Protágoras: é preciso levar vantagem em tudo...

Mas as composições mais popularmente valorizadas de Raul de Leôni não são essas que expõem as suas incursões pela filosofia. Nem poderia ser de outra forma, na obra do poeta para quem quase tudo é azul, poeta das vaguidades e das reticências...

Na linha de uma popularidade maior, estão os sonetos "Eugenia", "Ingratidão", "História Antiga". "Eugenia", todos sabem, é assim:

"Nascemos uma para o outro, dessa argila
De que são feitas as criaturas raras;
Tens lendas pagãs nas carnes claras,
E eu tenho a alma dos faunos na pupila...

Às belezas heróicas te comparas
E em mim a luz olímpica cintila,
Gritam em nós todas as nobres taras
Daquela Grécia esplêndida e tranqüila...

É tanta a glória que nos encaminha
Em nosso amor de seleção, profundo,
que (ouço de longe o oráculo de Elêusis),
Se um dia eu fosse teu e fosses minha,
O nosso amor conceberia um mundo
E do teu ventre nasceriam deuses...

Em "Ingratidão" estão presentes versos de que todos os habitantes do planeta desejam apropriar-se. Só santos não guardam a amargura da incompreensão alheia diante da sua ajuda e das suas doações...

Ingratidão

Nunca mais me esqueci!... Eu era criança
E em meu velho quintal, ao sol nascente,
Plantei, com minha mão ingênua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rútila e íntima esperança...
Cresceu ... cresceu ... e, aos poucos, suavemente,
Pendeu os ramos sobre o muro em frente
E foi frutificar na vizinhança...

Daí por diante, pela vida inteira,
Todas as grandes árvores que em minhas
Terras, num sonho esplêndido semeio,

Como aquela magnífica amendoeira,
E florescem nas chácaras vizinhas
E vão dar frutos do pomar alheio...

“História Antiga”... Por onde andarão os meus alunos de Ipueiras, que escutavam, na faíscação dos olhos emocionados de meninos, as palavras simples deste soneto, escrita pela vida em todas as experiências humanas?

No meu grande otimismo de inocente,
Eu nunca soube por que foi... um dia,
Ela me olhou indiferentemente.
Perguntei-lhe por que era... Não sabia ...

Desde então, transformou-se de repente
A nossa intimidade correntia
Em saudações de simples cortesia
E a vida foi andando para a frente ...

Nunca mais nos falamos ... vai distante ...
Mas, quando a vejo, há sempre um breve instante
Em que seu mudo olhar no meu repousa.

E eu sinto, sem no entanto compreendê-la,
Que ela tenta dizer-me qualquer cousa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...

Poeta sem tenebrosos mistérios conotativos, Raul de Leôni está à disposição deste Brasil de decodificação tão precária. Pela clara empatia que o leva aos temas de todos nós, é um socorro aos que sofrem e ficam afásicos. E sofrem por isso muito mais.